

Capítulo VI - Patrimônio ambiental: processo de (re)significação através de experiências de educação ambiental na Fazenda Engenho Novo

Anderson dos Santos Portugal
Joyce Jesus Santana
Luiz Henrique Marinho Lages
Vanessa Pereira Mota
Ana Paula Batista dos Santos
Marcelo Guerra Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PORTUGAL, A. S., SANTANA, J. J., LAGES, L. H. M., MOTA, V. P., SANTOS, A. P. B., and SANTOS, M. G. Patrimônio ambiental: processo de (re)significação através de experiências de educação ambiental na Fazenda Engenho Novo. In: SANTOS, M. G., ed. *O rural em regiões metropolitanas: a Fazenda Engenho Novo*, São Gonçalo [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 147-170. ISBN: 978-65-00-03030-3. <https://doi.org/10.7476/9786500030303.0008>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Capítulo VI
Patrimônio ambiental:
processo de (re)significação através de
experiências de educação ambiental na
Fazenda Engenho Novo

Anderson dos Santos Portugal

Joyce Jesus Santana

Luiz Henrique Marinho Lages

Vanessa Pereira Mota

Ana Paula Batista dos Santos

Marcelo Guerra Santos

O conceito de patrimônio ambiental, que será utilizado neste capítulo, conjuga os patrimônios naturais, históricos e culturais, a fim de se evitar a dualidade homem e natureza (Gerhardt e Nodari, 2016). O município de São Gonçalo ainda guarda grandes belezas naturais, culturais e históricas, ou seja, patrimônios ambientais que são desconhecidos da população fluminense. Descrições sobre a cultura e a história de São Gonçalo podem ser encontradas na obra da professora Maria Nelma de Carvalho Braga (Braga, 2010).

Os primeiros esforços para registrar e divulgar a biodiversidade do município são encontrados em Santos (2012; 2014; 2016). Nessas publicações, os autores alertam que São Gonçalo ainda possui fragmentos florestais de Mata Atlântica e que estes são ilhas de biodiversidade em meio a áreas urbanizadas. Devido à intensa atividade humana em seu entorno, especialmente por

conta da ocupação imobiliária, há uma forte tensão na conservação desses fragmentos florestais.

Dentre os principais fragmentos florestais no território gonçalense, Almeida et al. (2016) destacam três áreas como prioritárias para a conservação da Mata Atlântica no município: 1) a Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro (APAEP); 2) Serras de Itaitindiba/Calaboca/Rio do Ouro/Ipiúba; e 3) Ilha de Itaoca/Boa Vista/Morro de Itaúna/APA Guapimirim. Todas essas áreas são patrimônios ambientais com biodiversidade praticamente desconhecida que carecem de diversos estudos e manejo, principalmente os de conservação, divulgação e educação ambiental. Recentemente foram decretadas três novas Áreas de Proteção Ambiental (APA) em São Gonçalo: 1) APA de Itaoca, com perímetro de 48,2 km, em sobreposição à APA de Guapimirim e à Zona de Amortecimento da Estação Ecológica da Guanabara; 2) APA do Alto do Gaia, com perímetro total de 28,1 km, limítrofe com a APA Municipal das Serras de Maricá (SERMAR) e próxima ao limite do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), incorporando parte da Zona de Amortecimento do PESET; 3) APA Estâncias de Pendotiba, com perímetro de 9,3 km, próxima ao limite da APA do Engenho Pequeno e Morro do Castro (São Gonçalo, 2018 a, b, c).

Entre os patrimônios ambientais do município de São Gonçalo, um em especial se destaca: o assentamento da Fazenda Engenho Novo (figura 1). Localizado nos bairros de Monjolos e Quinta Dom Ricardo, próximo à Serra de Itaitindiba/Ipiúba, a região possui relevância pelos seus fragmentos florestais, e pela relação rural que existe com agricultores familiares e a existência de ruínas de um antigo casarão e engenho que remontam à época do Brasil colonial.

A área da Fazenda Engenho Novo (FEN) possui 740,5 hectares e no século XVII se destacou no cultivo de cana-de-açúcar. No final do século XVIII e início do século XIX, foi grande produtora de café e chegou a ser exportadora de frutas cítricas (principalmente laranja) e outras frutas para a Europa no século XX (Molina e Silva, 1998).

Logo após esses períodos de opulência das monoculturas, a Fazenda Engenho Novo passou por uma fase de esquecimento, degradação dos monumentos arquitetônicos, do solo e das matas do seu entorno. Houve retirada indiscriminada do solo e da vegetação original, e o antigo casarão da fazenda foi saqueado e abandonado (Passos et al., 2010) (figura 2). Na década de 1990, a Fazenda Engenho Novo foi desapropriada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro e, por meio do Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (ITERJ), assentou 143 famílias (Passos et al., 2010).

Figura 1. Plantação de milho do Assentamento da Fazenda Engenho Novo e ao fundo um fragmento florestal



Fonte: Anderson dos S. Portugal, jan. 2013.

Fatores importantes que ameaçam a conservação das áreas verdes e rurais (patrimônios ambientais) de São Gonçalo são o desconhecimento e a não legitimação desses espaços pela população do

município. Santos et al. (2013) destacam que a maioria dos alunos (mais de 33%) desconhecia a existência de áreas rurais no município, o que é um número muito expressivo, visto que, há menos de 50 anos, uma das principais fontes de renda do município vinha do campo (Molina e Silva, 1998). Os autores alertam para a urgência na valorização e conhecimento dessas áreas e apontam-nas como ponte integradora multidisciplinar no ensino de ciências.

Figura 2. Ruínas do antigo casarão da Fazenda Engenho Novo, cujo dono mais ilustre foi o Barão de São Gonçalo. Ao fundo, a chaminé do antigo engenho de cana-de-açúcar



Fonte: Anderson dos S. Portugal, jan. 2013.

A invisibilidade rural não é exclusividade do município gonçalense. Kolling et al. (2002) descrevem que para áreas rurais é preciso romper com os modismos sociais, políticos e concepções alienantes que dão sentido pejorativo e desvalorizam as pessoas, sendo necessá-

rio recuperar a auto-estima dos sujeitos e legitimar este espaço rural (Ferrara, 1993). Um instrumento para fazer essa ponte epistemológica é a educação ambiental e suas ferramentas de estudo.

Nesse sentido, aliado aos estudos de educação ambiental realizados na Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro (Santos e Pinto, 2014), o grupo de Estudos Ambientais do Leste Metropolitano do Rio de Janeiro desenvolveu a atividade “Nas ruínas do Barão se (re)constrói uma nova percepção: agrovisitação no município gonçalense”. Ela teve como objetivo levar alunos da rede de ensino de São Gonçalo a conhecer os sítios dos assentados, bem como o patrimônio histórico (as ruínas da Fazenda Engenho Novo) e os remanescentes florestais existentes (figura 3), fazendo com que a visita contribua para uma elaboração cognitiva de ressignificação do município. Este texto visa relatar os principais resultados, experiências e vivências dos diferentes atores envolvidos no processo de educação ambiental.

Figura 3. Alunos do Colégio Estadual Coronel Serrado na visitação em frente à reforma das ruínas do antigo casarão da Fazenda Engenho Novo

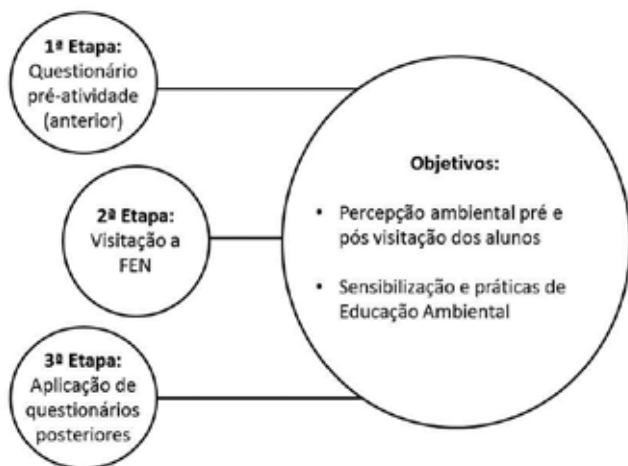


Fonte: Anderson dos S. Portugal, abr. 2013.

Vamos visitar a Fazenda? Roteiro de viagem

Nossa incursão à Fazenda Engenho Novo, aos sitiantes e seus atrativos passou por algumas etapas, como descritas na figura 4. Na primeira etapa, a equipe do projeto visitou a escola e dialogou com o professor da turma responsável e com os alunos sobre a visitação. Nesse momento, também foi aplicado um questionário, que possuía tanto questões abertas quanto fechadas, com o objetivo de sondar o conhecimento deles sobre os patrimônios ambientais, rurais e arquitetônicos do município, bem como sua percepção ambiental.

Figura 4. Fluxograma com todas as etapas envolvidas na realização das visitações ao assentamento da Fazenda Engenho Novo (FEN) e seus objetivos



Fonte: Os autores.

Na segunda etapa, que foi a visitação propriamente dita, os alunos conheceram dois sítios do assentamento e as ruínas do antigo Casarão do Barão de São Gonçalo na FEN. O primeiro sítio

a ser visitado foi o Girassol, onde os estudantes aprendem sobre a importância e as etapas de fabricação do queijo. Os alunos visitaram o curral das vacas para a coleta de leite e uma cozinha industrial, onde o queijo era produzido. Eles também participaram de dinâmicas que envolveram os sítiantes, as crianças e áreas rurais de lazer (figura 5).

Figura 5. Visitação dos alunos do Colégio Estadual Coronel Serado no sítio Girassol. **5a:** Conversa entre um dos sítiantes e os alunos; **5b:** Visita dos alunos ao curral, onde eles puderam observar e realizar a ordenha das vacas



Fonte: Anderson dos S. Portugal.

Em seguida, os alunos visitaram as ruínas do antigo Casarão da Fazenda Engenho Novo (figura 6). Os alunos puderam conhecer e ouvir palestras sobre a história do antigo casarão e de seus antigos donos. Além disso, os alunos caminharam em volta do casarão, conheceram parte de um fragmento florestal e realizaram dinâmicas de socialização.

Figura 6. Visitação dos alunos do CIEP 248 (Túlio Rodrigues Perlingeiro)  s ruínas do antigo casarão da FEN. **6a:** Ruínas do antigo poço do casarão da FEN; **6b:** Dinâmica realizada com os alunos na figueira do antigo jardim da Fazenda Engenho Novo



Fonte: Anderson dos S. Portugal.

O último local a ser visitado pelos alunos foi o sítio Carvalho de Justiça. Nesse sítio, os alunos foram guiados pela sitiante e fizeram uma trilha em um fragmento florestal. Durante a caminhada, a guia mostrou o conhecimento sobre o local, as plantas e os animais ali encontrados. Ainda houve a oportunidade dos alunos visualizarem um sistema agroflorestal, galinheiros, currais e degustarem produtos fabricados e manejados pela própria sitiante (figura 7).

A última etapa consistiu em – transcorrido um mês da visitação – retornar às escolas para aplicar um questionário, com o objetivo de avaliar a percepção sobre a visita ao assentamento Fazenda Engenho Novo. Neste capítulo, os resultados exibidos são referentes às respostas e vivências de duas turmas de duas escolas públicas do município de São Gonçalo. A primeira turma era formada por 33 alunos do 6 o ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Coronel Serrado, localizado no bairro de Monjolos. A segunda turma possuía 21 alunos do 6 o ano do en-

sino fundamental, do CIEP 248 (Túlio Rodrigues Perlingeiro), localizado no bairro do Salgueiro.

Figura 7. Visitação dos alunos do CIEP 248 (Túlio Rodrigues Perlingeiro) ao sítio Carvalho de Justiça. **7a:** Visita guiada por um dos sitiantes a um sistema agroflorestal; **7b:** Visita dos alunos ao galinheiro, onde eles puderam coletar ovos



Fonte: Anderson dos S. Portugal.

“Quando voltaremos no sítio da tia?”: a visitação e suas percepções

Na literatura, encontramos uma vasta compilação dos conceitos do que seria uma área verde. Essa discussão pode ser encontrada em Londe e Mendes (2014), que sugerem como conceito mais amplo de áreas verdes, o citado por Cavalheiro et al. (1991), no qual áreas verdes são um tipo especial de espaço livre, onde o elemento essencial de sua composição é a vegetação e visa satisfazer três objetivos principais: 1) estético; 2) ecológico-ambiental; e 3) lazer e serviço à população, proporcionando uso e condições para recreação. Os autores ainda salientam que tão importante quanto se ter áreas verdes em determinado local é a população ter ciência de sua existência e de seu potencial de uso e atributos.

Nesse sentido, torna-se preocupante o resultado inicial encontrado. No questionário pré-atividade, quando os alunos foram perguntados se haviam visitado alguma área verde em São Gonçalo, cerca de 60% disseram não. Esse resultado pode ocorrer devido ao não pertencimento desses locais e às construções tipológicas dos sentimentos frente a essas áreas que não foram estimuladas dentro da população. As pessoas que não investem, em algum momento, uma parte de sua vida emocional à vivência em áreas verdes excluem esses espaços de sua vida e de seus descendentes.

Após as visitas, onde os alunos puderam vislumbrar partes de uma mata secundária em avançado estágio de regeneração, nota-se que este percentual tem uma grande mudança, de 60%, agora somente 32% dos alunos dizem desconhecer, e 4% não souberam responder se já tinham ou não visitado alguma área verde (figura 8).

Figura 8. Gráfico com os percentuais das respostas dos alunos à pergunta “você já visitou alguma área verde no município?”, no questionário posterior a visita à Fazenda Engenho Novo (FEN)

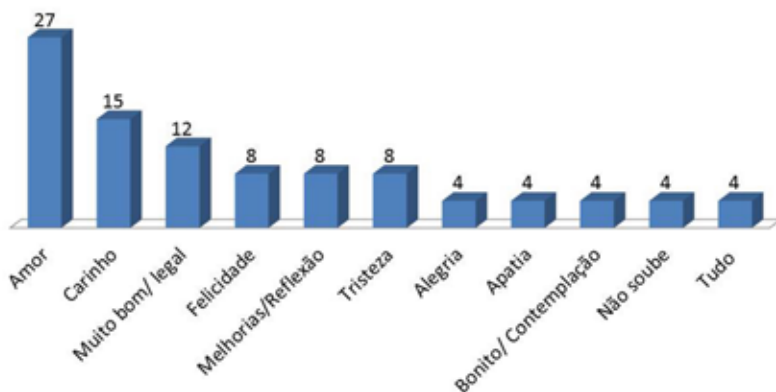


Vemos, assim, uma inversão de valores percentuais frente ao questionário inicial, passando as experiências ambientais a serem relacionadas junto às relações topofílicas, em que a familiaridade e a afeição são percebidas (Barbosa, 2008). Essa estruturação topofílica é salutar à medida que, em sua composição, imbuída do conhecimento do local, a população pode reter fatos culturais e históricos, o que é importante para a conservação das áreas verdes do município.

Quando os alunos foram questionados inicialmente sobre qual o sentimento deles em relação ao município, foi encontrado que 50% destes demonstraram sentimentos de “tristeza”. Sentimentos que demonstrem uma relação positiva com o município, como “bom/indiferença” (22%), “amor” (10%) e “felicidade” (8,5%), tiveram percentuais muito baixos. A compreensão da relação do espaço com a experiência vivida pode trazer luz a esse resultado encontrado. Os ambientes físicos são carregados de significados e ligados às representações sociais que deles se fazem. Nesse caso, a maioria dos alunos traz o que é caracterizado por Tuan (1980) como um aspecto topofóbico em relação ao município, ou seja, um sentimento de aversão a um determinado local.

No questionário posterior, quando os alunos foram perguntados sobre “qual o seu sentimento pelo município?”, os resultados foram diferentes. Os maiores percentuais foram sentimento de “amor” (27%), “carinho” (15%) e “muito bom/legal” (11%) (figura 9).

Figura 9. Gráfico com os percentuais das respostas dos alunos à pergunta “qual seu sentimento pelo município?”, no questionário posterior a visita à Fazenda Engenho Novo (FEN)



Fonte: Os autores.

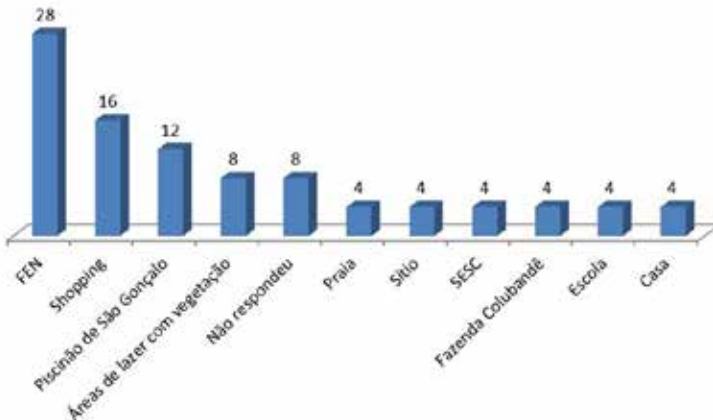
Muitas variáveis podem ter influenciado a mudança direta deste resultado: 1) o conhecimento de uma nova forma de lazer, ou um novo meio de experimentar o conteúdo de ciências e história, de forma prazerosa; 2) a socialização entre os alunos em si, os sitiantes e as pessoas envolvidas no projeto, entre outros. Porém, alguns autores por meio de meta análise destacam a capacidade que as áreas verdes possuem de alteração do humor e da natureza psíquica das pessoas (Costa, 2010; Barton e Pretty, 2010; Pehouskei e De Angelis, 2012).

As áreas verdes, enquanto zonas de lazer e recreação, têm a competência de neutralizar, por meio do relaxamento, fatores urbanos que são muito estressantes, como ruído, calor e poluição do ar. Para tal competência ser exercida, basta o simples contato dos frequentadores dessas áreas com os elementos naturais (Costa, 2010). Esse contato com áreas naturais é tão benéfico ao ser humano que apenas cinco minutos de exercício em áreas naturais é suficiente para trazer melhorias à saúde mental (humor e autoestima) desses indivíduos, sugerindo benefícios imediatos (Barton e Pretty, 2010).

Os alunos que inicialmente não tinham nenhum contato com a estrutura física ambiental que visitaram, com um único processo de vivência, passam a ter um olhar diferenciado sobre esse ambiente. A tradução das experiências deles com a FEN constrói um referencial concreto, que, na totalidade simbólica da Fazenda, instala um tipo de identidade com o lugar, conferindo-lhe um novo significado.

Ao serem questionados sobre qual paisagem mais os agrada dentro do município gonçalense, no questionário prévio, 55% dos alunos alegaram que os shoppings são o melhor local, seguido de outros altos percentuais de área urbana, como o Piscinão de São Gonçalo (15%) e Praças (12%). Após a visitação, esse percentual continua alto, porém a maioria dos alunos indica a Fazenda Engenho Novo como um ótimo local para se visitar. Outro local que não havia sido mencionado no primeiro questionário foi a Fazenda Colubandê (outra fazenda histórica do município) como mais um local de lazer (figura 10).

Figura 10. Gráfico com os percentuais das respostas dos alunos à pergunta “qual é o melhor lugar de São Gonçalo para se visitar?”, no questionário posterior a visita à Fazenda Engenho Novo (FEN)

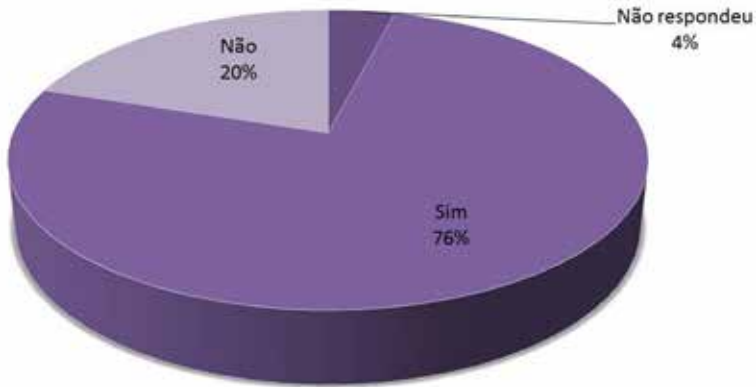


O desconhecimento de áreas como a FEN e outras tão importantes e ricas, que são macro equipamentos de lazer dentro do município, reflete o abandono político. O crescimento desordenado de São Gonçalo e a carência de locais de lazer para esses alunos é resultado da homogeneização do espaço urbano, pois este, ao não se constituir de uma complexa teia heterogênea, se torna uma massa pobre de opções (Ferrara, 1993).

Tuan (1983) afirma que na relação de tempo e lugar é evidente a necessidade de considerar o ciclo da vida humana. O que significa o passado para nós? As pessoas tendem a olhar para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do “eu” (Barbosa, 2008). Nessa acepção, os patrimônios históricos refletem na sua iconografia um importante acervo de manutenção cultural. Sendo assim, o resultado encontrado para a pergunta “você conhece algum patrimônio histórico em São Gonçalo?” foi alarmante. A princípio, 70% dos alunos alegaram desconhecer qualquer patrimônio histórico, e os que alegaram conhecer citaram locais como “*shopping centers*”.

Olhar para o passado e não se identificar com ele aflige os alunos e seus familiares, pois estes, pela falta do exercício de se verem como agentes da história local, não transmitem esse tipo de pertencimento, acentuando aversões e questões topofóbicas. A visita feita pelos alunos está longe de ser uma solução efetiva para esta grave falta de investimento sócio-cultural-histórico, porém, ela aponta um caminho viável para resgatar o passado e compreender a história, conferindo um tipo de significação mais plural para o presente, como podemos observar na figura 11.

Figura 11. Gráfico com os percentuais das respostas dos alunos à pergunta “você conhece algum patrimônio histórico em São Gonçalo?”, no questionário posterior a visita à FEN

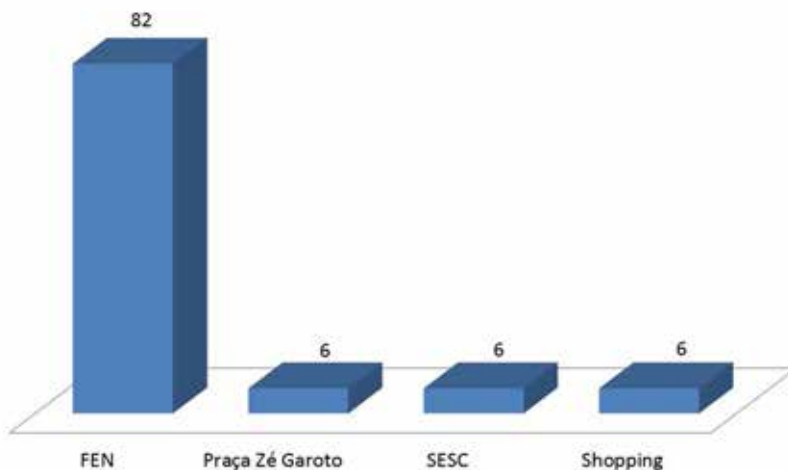


Fonte: Os autores.

O resultado posterior à visita destaca como os alunos conseguiram visualizar a FEN como patrimônio histórico, e os projetou a olhar outros patrimônios materiais dentro da heterogeneidade do município (figura 12).

Destaca-se ainda que este resultado exposto na figura 12 ainda é inexpressivo, frente às possibilidades patrimoniais existentes dentro do município, necessitando de uma política séria de valorização e (re)conhecimento para a população. Contudo, a breve identificação da natureza e do patrimônio histórico pelos alunos permitiu a construção de narrativas alternativas em relação ao patrimônio, que agora para eles se torna uma herança de um passado e que, portanto, deve ser preservado.

Figura 12. Gráfico com os percentuais das respostas dos alunos à pergunta “quais monumentos históricos existem em São Gonçalo?”, no questionário posterior a visita à FEN



Fonte: Os autores.

A visitação didática a um macro equipamento de lazer, como a FEN, levou os alunos a terem uma nova vivência em um espaço por eles não anteriormente explorado e, ao mesmo tempo, resgatou e destacou sua importância. Inicialmente, os sentimentos intrínsecos nas falas dos alunos se enquadrariam no ponto de vista topofóbico (Tuan, 1983), carregados com um olhar de insalubridade e nocivo à cidade. Após a visita, esses sentimentos iniciam um importante processo de transformação, acarretando mudanças na percepção dos alunos.

Vivências de caso e casos de vivência

Durante a execução dessa atividade, muito se pensou em como atuar em territórios e com atores tão diferentes, com con-

flitos, necessidades e ansiedades tão díspares: de um lado, nós, do meio acadêmico, com o conhecimento bruto acerca do meio ambiente e do município e a vontade de fazer ciência; de outro, alunos do ensino fundamental II do município de São Gonçalo, com suas inquietações, desafios, carências e vontade de viver algo novo a nível didático; e, finalmente, os sitiantes que viam no projeto uma forma de valorização e reconhecimento de seu trabalho e projeção a nível municipal. O resultado da interlocução desses atores foi maior do que o esperado.

Nas reuniões iniciais de nosso grupo de pesquisa, foi gritante a necessidade de uma abordagem prática metodológica que pudesse legitimar esses sujeitos para uma ação integradora de Educação Ambiental. Foi preciso investir em um arcabouço epistemológico para que pudéssemos desenvolver essa prática, que foi alicerçada na ciência pós-normal (Funtowicz e Ravetz, 1997) e nas etnociências. A primeira empreitada foi o reconhecimento de um de nossos parceiros de atividade – os sitiantes do assentamento da Fazenda Engenho Novo.

Inúmeras incursões foram feitas em diversas casas de vários sitiantes, pessoas humildes, que nos viam como “os professores”. Com o passar do tempo e das conversas, tornamo-nos colegas de trabalho. Nesse processo, histórias, lendas e dificuldades foram compartilhadas e registradas. Vivemos e aprendemos sobre os costumes locais, e essa abertura franca permitiu o pontapé inicial para um trabalho de sucesso. Parte desse conhecimento, sobre plantas e sua oralidade, se encontra no trabalho de Lages (2015) e no capítulo sobre plantas medicinais do presente livro.

Em cada casa, sempre éramos recepcionados com algo produzido localmente pelos sitiantes (figura 13). As comidas, os aromas, os sabores e o fruto do trabalho que vêm de uma terra que vive a amnésia gonçalense (e desconhecido para nós) se descortinavam a cada visita. Muitos sitiantes se mostraram receptivos à visita dos alunos em seus sítios e alguns até relatavam o interesse

em fazer turismo rural em suas propriedades (o turismo na FEN é abordado no capítulo 5 deste livro). Para eles, não era somente uma simples visita, a ida dos “professores” em suas propriedades era a possibilidade de valorização por um segmento que vive encastelado em seus saberes.

Figura 13. Produtos e comida produzidos pelos sitiantes. **13a:** Alguns dos produtos produzidos no sítio Carvalho de Justiça (ovos e abóboras). **13b:** Almoço preparado no sítio do Sr. Hermínio com alimentos da região (costela de porco e aipim à moda do Sr. Hermínio e salada).



Fonte: Anderson dos Santos Portugal.

Com a explanação de quais os objetivos de nosso projeto e com a seleção dos sítios para a visitação, o primeiro choque aconteceu quando falamos para os sitiantes que eles participariam ativamente das atividades e eles conversariam e mostrariam o sítio para as crianças. Ouvimos algumas vezes as seguintes falas:

Eu não tenho nada a acrescentar às crianças.

Vocês são os professores, vocês que têm o conhecimento, vocês que têm que ensinar, não nós.

Mas eu só sei cuidar da roça.

(Falas de alguns sitiantes, registradas em caderneta de campo).

Parte de nosso trabalho foi realizado nessas visitas. A valorização de um conhecimento rural e próprio. O resultado foi imediato e percebido rapidamente; após cada visita dos alunos aos sítios eram feitas reuniões para conversar sobre a visitação. Nesses encontros, um relato chama atenção:

Hoje eu fiquei muito feliz. Um dos alunos nunca tinha visto feijão no pé e eu pude falar com ele como se planta e mostrar a vagem. Ele ficou tão impressionado que perguntou se podia levar umas sementes para plantar em casa. Dei um monte para ele, tomara que os pais dele não briguem. Bem que vocês disseram que a gente tinha muita coisa para falar (Fala de um sitiante, registrada em caderneta de campo).

O empenho dos sitiantes com o projeto era tão grande que muitos tiravam dinheiro do bolso para fazer um lanche da roça para os alunos, além de doarem ovos, frutas e queijos produzidos em seus sítios para as crianças comerem. Eles ficavam surpresos pelo desconhecimento dos alunos aos produtos da roça e se espantavam com o potencial deles ao ensinar coisas para os alunos, como o de cultivar frutas e o manejo de animais (figura 14). Ao mesmo tempo, os alunos, em pouco tempo, se apegavam aos sitiantes, de modo a ser frequente a seguinte fala: “Quando vamos voltar no sítio dos tios?” (Fala de um aluno, registrada em caderneta de campo).

A empatia e o diálogo das crianças com os sitiantes eram tamanhos que nos surpreendeu em diversos momentos. Ouvimos relatos de um dos sitiantes que os alunos se entregavam de tal forma à atividade que desabafavam casos de maus tratos, fome, abusos sexuais, e os sitiantes se escandalizavam com as histórias que chegavam até eles. Em uma reunião, foi destacado que a troca de experiência e a vivência didática dos alunos possibilitaram que eles brincassem livremente, mesmo que por pouco tempo, foi o que houve de mais belo dentro do projeto. Por parte dos alunos,

um dos muitos registros mostra a importância sociocultural que a visitação teve na vida deles (figura 15).

Figura 14. Participação de alguns sitiantes durante a visitação. **14a:** Participação do Sr. Onofre nas atividades de dinâmica em uma visitação. **14b:** Condução de uma visita guiada por Dona Luciá



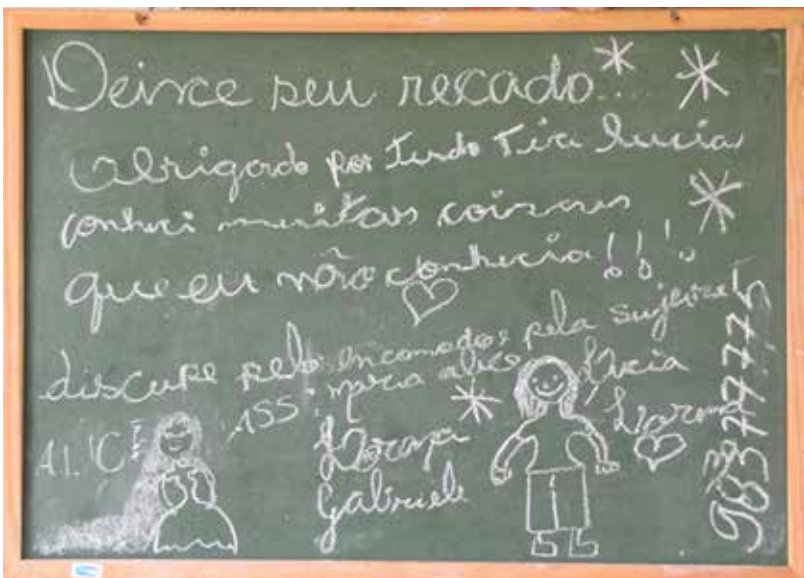
Fonte: Anderson dos Santos Portugal.

Em relação aos alunos, era sempre uma grata surpresa para eles. Ao chegarem à escola, o desconhecimento deles e a possibilidade de ir a uma fazenda os enchiam de expectativa. Muitos relatavam que a escola não fazia nenhum tipo de incursão didática, e para muitos foi a primeira experiência. Os alunos viam a fazenda como uma possibilidade de lazer (que é escassa e não valorizada no município) e, quando voltávamos nas turmas, eles relatavam não somente a questão do lazer, mas a socialização com os sitian-

tes e como eles gostaram de ver que São Gonçalo tem história e tem a “a casa do Barão”.

Em uma das visitas posteriores à escola, um dos professores responsáveis relatou como a turma ficou famosa por ter ido à Fazenda e aproveitou este entusiasmo, imprimindo as fotos e as expondo na escola. Uma foto em particular chamou a atenção do professor (figura 16): um dos alunos segura um ovo – os alunos que foram à FEN relatavam que comeram aquele ovo e diziam como as coisas que eram feitas na fazenda eram gostosas. Quase todos, segundo a professora, queriam que a merenda tivesse os alimentos produzidos na fazenda.

Figura 15. Algumas alunas questionaram como elas iriam continuar falando com a “Tia”, se poderiam deixar um recado para ela e o telefone delas para que a “Tia” pudesse manter contato e continuar conversando. O recado foi escrito no quadro onde os sitiantes fazem o registro diário da lavoura, e foi uma grata surpresa para todos



Fonte: Anderson dos Santos Portugal.

Figura 16. Fotografia impressa pela professora e exposta na escola. Nela, é exibido um momento após a coleta de ovos no galinheiro



Fonte: Anderson dos Santos Portugal.

As atividades relatadas neste texto demonstram um grande potencial para o desenvolvimento de práticas de ensino, divulgação científica e turismo rural no município de São Gonçalo, em especial no assentamento da Fazenda Engenho Novo. É notória a insuficiência de políticas públicas para a região focadas em ações positivas de valorização e preservação dos seus patrimônios ambientais.

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração dos sitiantes, Sr. Onofre e D. Lucía, que, com muita simpatia e amor, se dispuseram a receber os alunos em suas casas. Agradecemos também a colaboração da

direção da Escola Municipal Coronel Serrado e CIEP 248 (Túlio Rodrigues Perlingeiro), que apoiou o trabalho e providenciou o ônibus para a excursão e as devidas autorizações para que esta vivência fosse executada. À Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ), pois além de ser um lar de reminiscências, deu todo apoio logístico para as reuniões.

Referências

- ALMEIDA, M. M. et al. “Bromélias: diversidade e conservação nos remanescentes de Mata Atlântica do município de São Gonçalo”. In Santos, M. G. (org.). *Biodiversidade e sociedade no leste metropolitano do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016, pp. 151-77.
- BARBOSA, L. M. A. *Topofilia na Vila do IAPI em Porto Alegre* (dissertação). UFRGS, 2008.
- BARTON, J. e PRETTY, J. “What is the best dose of nature and green exercise for improving mental health? A multi-Study analysis”. *Environmental Science & Technology*, n. 44, 2010, pp. 3947-55.
- BRAGA, M. N. C. *O município de São Gonçalo e sua história*. Niterói, Rio de Janeiro: Nitpress, 2006.
- COSTA, C. S. 2010. “Áreas Verdes: um elemento chave para a sustentabilidade urbana”. *Arquitextos*, 2010, v. 11, n. 126. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.126/3672>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- CAVALHEIRO, F. “Urbanização e alterações ambientais”. In TAUK, S. M. (org.). *Análise ambiental: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: UNESP-FAPESP, 1991, pp. 88-99.
- FERRARA, L. D. A. *Olhar periférico: linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: EdUSP, 1993.
- FUNTOWICZ, S. e RAVETZ, J. “Ciência pós-normal e comunidades ampliadas de pares face aos desafios ambientais”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. IV, n. 2, pp. 219-30, 1997.
- GERHARDT, M. E NODARI, E.S. “Patrimônio Ambiental, História e Biodiversidade”. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 5, n. 3, pp. 54-71, 2016.
- KOLLING, E. J. et al. *Educação do campo: identidade e políticas públicas*. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002.

- LAGES, L. H. M. *Plantas medicinais: os saberes locais entre os camponeses da comunidade da Fazenda Engenho Novo, São Gonçalo, RJ* (dissertação). UERJ, 2015.
- LONDE, P. R. e MENDES, P. C. “A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana”. *Hygeia*, v. 10, n. 18, 2014, pp. 264-72.
- MOLINA E. e SILVA S. M. *São Gonçalo no século XVIII*. Ed. Muiraquitã, 1998.
- PASSOS, A. S. et al. “Diagnóstico socioeconômico e ambiental da comunidade residente em área da antiga fazenda Engenho Novo – São Gonçalo – RJ”. *Qualit@s Revista Eletrônica*, v. 9, n. 4, 2010. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/1032/517>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- PEREHOUSKEI, N. A. e DE ANGELIS, B. L. D. “Áreas verdes e saúde: paradigmas e experiências”. *Diálogos & Saberes*, v. 8, n. 1, 2012, pp. 55-77.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO (RJ). *Decreto n. 112 de 06 de junho de 2018 (a)*. Cria a Área de Proteção Ambiental (APA) das Estâncias de Pendotiba, no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo/RJ, 2018.
- _____. *Decreto n. 113 de 06 de junho de 2018 (b)*. Cria a Área de Proteção Ambiental (APA) de Itaoca, município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo/RJ, 2018.
- _____. *Decreto n. 114 de 06 de junho de 2018 (c)*. Cria a Área de Proteção Ambiental (APA) do Alto do Gaia, no Município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo/RJ, 2018.
- SANTOS, M. G. *Biodiversidade e sociedade no leste metropolitano do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.
- _____. e PINTO, L. J. S. “Faculdade de Formação de Professores da UERJ: uma década de estudos na Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro”. In _____ (org.). *Área de proteção ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro: conservação e educação ambiental*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2014, pp. 15-21.
- _____. et al. “Alunos do Ensino Fundamental II e a percepção ambiental do município de São Gonçalo”. *Revista Práxis*, v. 5, 2013, pp. 55-60.
- TUAN, YU-FU. *Topolía: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.